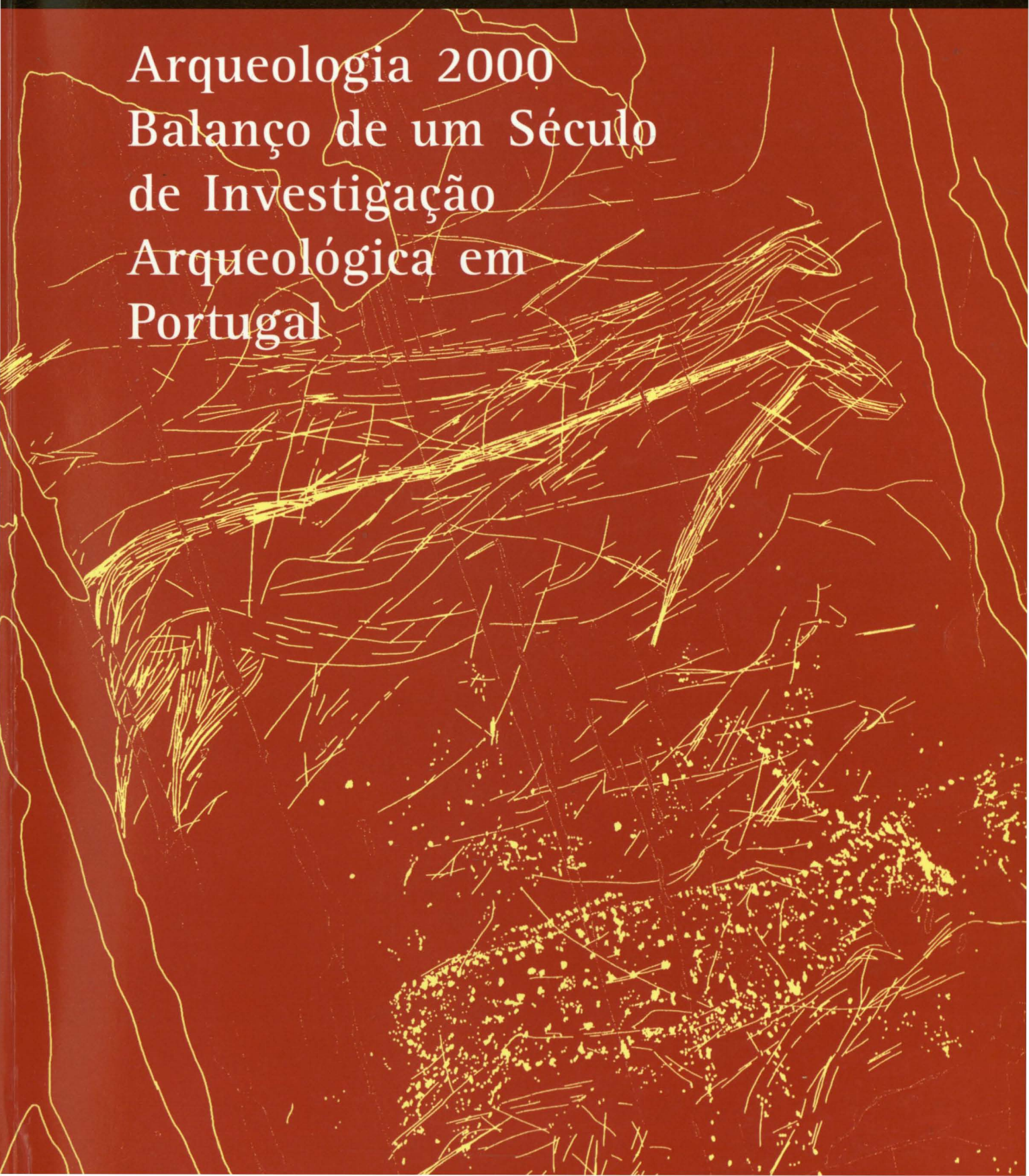


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



Prólogo

José Morais Arnaud

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, fundada em 1863, por Possidónio da Silva e mais sete arquitectos, como associação profissional, depressa se tornou em Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, tal foi a adesão destes à que se tornaria na primeira associação de defesa do património do país, antecedendo assim, em mais de um século, o movimento associativo nesta área, que viria a eclodir no final do anos 70, teve um papel decisivo no desenvolvimento da investigação arqueológica em Portugal ao longo do século XX, acompanhando os períodos de apogeu e de declínio de uma área do conhecimento interdisciplinar por excelência.

Com efeito, desde o início do século que contou com a participação activa de alguns dos mais notáveis arqueólogos portugueses, tais como Leite de Vasconcellos, que presidiu durante alguns anos à sua Secção de Pré-História, Vieira Natividade, Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Felix Alves Pereira, Virgílio Correia, Mendes Corrêa, Manuel Heleno, e tantos outros.

Após um período de grande actividade, durante o primeiro quartel do século XX, verificou-se a partir dos anos 40 um declínio acentuado na vida associativa, reflectindo naturalmente o contexto político da época. Os arqueólogos mais activos nesse período foram Eduardo Jalhay e Afonso do Paço, que realizaram cerca 30 campanhas de escavações no povoado fortificado de Vila Nova de S. Pedro, cujo espólio enriqueceu imenso as colecções de Pré-História da AAP, que patrocinou oficialmente os trabalhos. Nessa época verificou-se a redução das oito secções especializadas existentes em 1911 a duas, dedicadas respectivamente à Pré-História e à História, sendo que esta última, que sucedera à Secção de Arqueologia Histórica, se foi gradualmente afastando da investigação arqueológica, para se dedicar à História documental, tendência que ainda hoje persiste, apesar dos esforços desenvolvidos no sentido de corrigir esse desvio, acentuando a sua componente arqueológica e até, mais recentemente, antropológica.

Apesar de tudo, ao longo desse período participaram regularmente na vida associativa, ou foram sócios correspondentes, os mais conhecidos arqueólogos desse tempo, tais como Santos Júnior, Mário Cardoso, Geor-

ges Zbyszewski, Georg Vera Leisner, Abel Viana, Albuquerque e Castro, Hipólito Cabaço, Maxime Vaultier, Leonel Ribeiro, Camarate França ou Veiga Ferreira, os quais produziram trabalhos de qualidade muito diversa, indo das monografias mais sólidas, na tradição positivista, até às meras notícias de achados ocasionais, e de sondagens e escavações de pequena amplitude, que caracterizaram um período em que, salvo raras excepções, como foi o caso das escavações em área realizadas em Vila Nova de S. Pedro, com subsídios do fundo de desemprego, na Citânia de Sanfins, em Troia ou em Conímbriga, quase sempre no âmbito de campos de trabalho da Mocidade Portuguesa, a actividade arqueológica teve pouca expressão, e foi desenvolvida essencialmente por amadores bem intencionados, nem sempre devidamente apoiados financeira e institucionalmente.

De qualquer modo, a AAP constituiu um polo agregador dos arqueólogos daquele tempo, tendo constituído um contraponto às tentativas centralizadoras e monopolistas de Manuel Heleno, que em 1930 sucedeu a Leite de Vasconcellos na cátedra de Arqueologia da Faculdade de Letras e na direcção do então designado Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, actual Museu Nacional de Arqueologia.

Nos anos 60 e 70, graças à acção de D. Fernando de Almeida (1903-1979), que sucedeu a Heleno naquelas funções oficiais em 1968, e que presidiu aos destinos da AAP entre 1963 e 1979, verificou-se uma grande abertura às gerações mais novas de arqueólogos, que começaram a assistir às reuniões das secções de Pré-História e História, ainda na qualidade de estudantes universitários, tendo mais tarde sido admitidos como sócios efectivos.

Eduardo da Cunha Serrão (1906-1991), um dos elementos mais dinâmicos da Secção de Pré-História, de que foi sucessivamente Secretário, Vice-Presidente e Presidente, embora nunca tenha exercido quaisquer funções oficiais no domínio da Arqueologia, teve um papel fundamental na renovação do panorama arqueológico do país, sobretudo no domínio da Pré-História. Homem de grande estatura intelectual, e de notável abertura de espírito, conseguiu congrega em torno de si um pequeno grupo de jovens que viriam a tornar-se

arqueólogos e a procurar romper com o relativo isolamento e atraso em que se encontrava, em relação aos países mais avançados da Europa, como a França ou a Inglaterra, quer no campo teórico, quer no campo metodológico, como foi o caso de Vitor Oliveira Jorge, e do signatário, ainda nos anos 60.

Foi sobretudo a partir de 1970, com a descoberta do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo por um grupo de estudantes universitários que procuraram o conselho e o apoio de Eduardo da Cunha Serrão, que se formou uma nova geração de arqueólogos, que iria acentuar a profunda ruptura em relação às práticas arqueológicas anteriores iniciada anos antes, e viria a ocupar posições destacadas no ensino e na gestão do património arqueológico após o 25 de Abril. Entre estes, contavam-se, por exemplo, Jorge Pinho Monteiro, infelizmente já desaparecido, Vitor e Susana Oliveira Jorge, Francisco Sande Lemos, António Martinho Baptista, Manuela Martins, Mário Varela Gomes, António Carlos Silva, Luís Raposo, João Ludgero Gonçalves, Teresa Marques, Victor Serrão e tantos outros, que encontraram em Eduardo da Cunha Serrão um mestre e um amigo, sempre disponível para discutir novas ideias e metodologias, e para apoiar os jovens arqueólogos nos meandros de um sistema que encarava com desconfiança qualquer inovação. Ao suceder a Farinha dos Santos como Presidente da Secção de Pré-História, após o 25 de Abril, e a D. Fernando de Almeida, como Presidente da Associação, após o falecimento deste, em 1979, Eduardo da Cunha Serrão reforçou o papel da AAP na renovação da investigação arqueológica em Portugal.

Em 1980, Eduardo da Cunha Serrão, que já contava 74 anos, solicitou ao signatário, então docente universitário, que se candidatasse a Presidente da Secção de Pré-História, com o objectivo de a procurar revitalizar. Não podendo deixar de aceitar com o maior prazer um tal repto, sobretudo vindo de uma pessoa por quem tinha a maior admiração e a quem estava ligado por profundos laços de amizade, procurei não desmerecer da confiança que em mim depositara. Procedi, assim, ao convite sistemático aos meus colegas docentes universitários para apresentarem comunicações sobre as suas investigações a esta Secção, apelando a que

trouzessem também os seus alunos e colaboradores mais próximos, para que eles conhecessem a Associação e se habituassem a considerá-la como um espaço de debate, fora do âmbito estritamente escolar e académico, aberto a todos os interessados em Pré-História e em Arqueologia, nas suas mais variadas vertentes. Foram também convidados a apresentar comunicações outros arqueólogos, no início da sua carreira, que assim tiveram, em muitos casos, a oportunidade de apresentar pela primeira vez em público os resultados das suas investigações. Não dispendo de meios para financiar a deslocação de arqueólogos de outros países, aproveitou-se sempre que possível a sua vinda a Lisboa, a convite de outras instituições, para se deslocarem à sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, investigadores de fama mundial, tais como Colin Renfrew, Lewis Binford, ou Richard Leakey, a quem foi concedido o título de Sócio Honorário.

Após uma década em que se conseguiu manter uma actividade regular, com uma reunião mensal, verificou-se um certo esgotamento do modelo de funcionamento da secção, e decidiu-se organizar reuniões temáticas mais alargadas, concentradas em dois ou três dias, retomando-se as Jornadas Arqueológicas iniciadas em 1970 por D. Fernando de Almeida, mas que já não se realizavam desde 1977. Organizaram-se, assim, em 1990 as IV Jornadas, que tiveram como tema principal a Arqueologia de Salvamento, e em 1993, as V Jornadas, dedicadas à Arqueologia Urbana. O encerramento forçado da sede da AAP em 1995, devido às obras do metropolitano de Lisboa, e a grave situação então criada, não permitiu a realização das VI Jornadas, inicialmente previstas para 1996. A AAP não poderia, no entanto, deixar de assinalar o final do século XX com um balanço da actividade arqueológica em Portugal ao longo desse período. Decidiu-se, assim, dedicar a este tema as VI Jornadas Arqueológicas, que tiveram lugar em Maio de 2000. Dada a especificidade do tema, ao contrário do que acontecera nas anteriores jornadas, em que se aceitaram comunicações livres, desta vez decidiu-se convidar alguns dos mais destacados especialistas nas várias épocas e áreas temáticas e metodológicas, para apresentarem uma análise historiográfica das investigações

desenvolvidas nas respectivas áreas de especialidade, com especial incidência nos últimos 25 anos do século, bem como as perspectivas de desenvolvimento futuro.

Obter os textos de um tão notável escol de académicos não foi tarefa fácil, e se houve alguns, muito poucos, que cumpriram os prazos estabelecidos, e que foram os mais penalizados pelo atraso verificado na publicação, outros houve que só entregaram os textos muito tarde, ou que nunca chegaram a fazê-lo, pelo que tiveram que ser substituídos por investigadores mais jovens, mas que se enquadram ainda na geração que realizou os seus trabalhos mais importantes ao longo dos últimos 25 anos. Foi, assim, possível abranger, com maior ou menor desenvolvimento, todos os períodos cronológicos e áreas específicas de investigação, com a lamentável exclusão da Arqueologia Industrial, apesar dos repetidos esforços feitos no sentido de colmatar essa lacuna.

Embora de um modo geral os investigadores convidados tenham correspondido ao que se pretendia, a obra agora apresentada reflecte naturalmente o cunho pessoal dos cerca de 20 autores convidados, o que não deixa de a enriquecer. Espera-se, assim, que venha a ser uma obra de referência obrigatória e um ponto de partida para investigações futuras, por parte de uma nova geração de arqueólogos, que começa a emergir.

